

QUEM MORRE PODE IR PARA O INFERNO GOVERNADO POR SATANÁS?

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 23 de novembro de 2025

A resposta para a pergunta que serve como título para esse texto é **não**. Aliás, é preciso anotar um duplo **não**. Com efeito, é viável com o recurso a um raciocínio estritamente lógico demonstrar que não existe inferno (como um lugar de dor ou sofrimento eterno) e não existe satanás (como um “ser” totalmente maligno para toda a eternidade).

Essas questões não podem, e nem devem, ser tratadas como dogmas (pontos fundamentais de uma doutrina religiosa considerados certos e indiscutíveis). A inteligência, um dos dois grandes presentes do Criador para cada espírito criado (o outro é o livre-arbítrio), deve ser utilizada para equacionar todas as questões da vida, inclusive as existenciais mais relevantes.

Um registro de Allan Kardec, responsável por consolidar o espiritismo, é especialmente importante quando se trata de aplicar a razão ao universo dos maiores “mistérios” da vida. Disse Hippolyte Léon Denizard Rivail, o nome de “batismo” de Kardec: “Eu próprio não a adotei [a crença espírita] senão depois de metucioso exame. (...) busquei a explicação de tudo, porque só aceito uma ideia quando lhe conheço o como e o porquê” (livro O que é o Espiritismo).

Essa perspectiva define o espiritismo como uma filosofia moral que cultiva a fé raciocinada. Acreditar deve fazer sentido como uma conclusão do próprio intelecto, sem terceirizações. Não devem ser “compradas” conclusões prontas e acabadas. Afinal, pensar e chegar às próprias verdades (mesmo parciais ou transitórias) é uma das formas mais nobres de amar o Criador.

Quando Jesus anunciou o primeiro e maior mandamento (Mateus 22:36-38), justamente amar a Deus, ele foi bastante específico. Esse amor deveria ser “de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. A dimensão intelectual foi devidamente acentuada. Aliás, minha crença em Deus é fundamentalmente racional (mas essa é outra questão).

Interessa às religiões heterônomas a “existência” do inferno e do demônio, seu governante (responsável por manter o fogo em padrões infernais). Construir um mundo heterônomo ajuda a viabilizar uma série de inconfessáveis interesses mundanos, notadamente em relação ao controle socioeconômico e à aceitação impensada de costumes e padrões de comportamento.

A moral heterônoma é aquela onde as regras de conduta são impostas por fontes externas (pais, professores, autoridades ou Deus). Elas são seguidas por medo de punições ou para receber recompensas. O maior dos castigos é justamente “queimar no mármore do inferno com um cobertor de fogo pelo infinito da eternidade”. Tudo no mundo heterônomo vem como definições externas respeitadas por obrigação, e não por entendimento.

Já a moral autônoma é aquela que aponta para comportamentos pautados na razão e valores do próprio indivíduo, considerado como peça central de sua evolução. Assim, não existem castigos (ou recompensas) externas, mas consequências positivas (ou negativas) decorrentes das escolhas realizadas como exercício do livre-arbítrio informado pela inteligência.



Mas, afinal, qual é o caminho percorrido pela razão para demonstrar a inexistência do inferno e seu guardião (o “Tinhoso”)?

A criação do universo (de tudo que existe) é um “ato” de um “ser” absolutamente perfeito, bom, justo e amoroso. Deus é o único absoluto admissível. Se adotadas essas premissas, é inconcebível a existência do inferno e de Satanás. Afinal, Deus, com as características mencionadas, não criaria um “lugar” de sofrimento eterno. O sofrimento sem fim é incompatível com o infinito amor do Criador. Da mesma forma, não seria criado um “ser” inteiramente maligno para todo o sempre.

A maldade existe no mundo como a ausência do bem. Não se trata de uma criação de Deus. O exercício do livre-arbítrio pode, pelo atraso espiritual da criatura, enveredar pelo caminho do egoísmo, e não do amor. E mesmo esse “estado de maldade” é transitório. A luz da bondade divina é irresistível. Mais cedo ou mais tarde todos, rigorosamente todos, caminham em direção a essa luz. A perfeição (relativa ou possível), assim como a felicidade (relativa ou possível), é o destino de todos os seres criados pelo amor absoluto de Deus.

Mesmo na cosmovisão gnóstica, o mal não pode vir do Deus Verdadeiro (Pleroma), considerado como totalmente bom, perfeito, imaterial e transcendente. O gnosticismo também prevê uma jornada de libertação (do mundo material imperfeito, terreno do mal) e retorno à luz e perfeição do mundo espiritual.



Entretanto, existe, e como existe, um certo tipo de inferno. O inferno surge como um estado de espírito construído por cada pessoa. O inferno pode ser o estado mental daquele ou daquela que decidiu caminhar no rumo contrário ao da paz interior.

Nas “Cartas de Cristo” lê-se: “Uma entidade infeliz definha e morre. Uma entidade feliz floresce. Isso é um fato básico da existência. Em última análise, cada entidade viva se alimenta de seu próprio estado interior de contentamento ou frustração”.

Na Bíblia, Jesus alertou: “Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26:41). A lição moral do Mestre dos Mestres aponta claramente no sentido do cuidado para que um inferno não seja construído, a partir de pensamentos negativos de todas as ordens, no coração de cada criatura.

Para além de qualquer dúvida, Jesus foi categórico acerca do verdadeiro “lugar” do céu e do inferno. Disse aquele que inspira o melhor para a humanidade: “o Reino de Deus está dentro de vós”. O anúncio, dos mais relevantes em si e por suas consequências, integra o apócrifo Evangelho de Tomé (Logion 3) e o canônico Evangelho de Lucas (17:21).

